

# CIRURGIÕES EM MOBILIDADE NA AMÉRICA PORTUGUESA E ENTRE O REINO DE PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

MONIQUE PALMA\*

**Resumo:** *O presente trabalho é parte da tese de doutoramento Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América Portuguesa no século XVIII. A investigação teve como uma das fundamentações teóricas o exposto por Mary Lindemann, no livro Medicine and Society in Early Modern Europe (1999), segundo a qual o que se produz não é independente daquele que o produz. Ao ter em consideração esse pressuposto, tornou-se necessário inquirir sobre a trajetória dos cirurgiões no Brasil colonial, pesquisar sobre o contexto e cotidiano desses agentes da saúde. A base documental usada para identificar e analisar os cirurgiões na América Portuguesa é, primordialmente, os manuscritos catalogados pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco que pertencem ao Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), antigo Conselho Ultramarino, e também o Dicionário dos médicos e cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal, material não publicado, redigido por Augusto da Silva Carvalho que está depositado na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL). Nas fontes consultadas, identificamos 379 cirurgiões que estiveram na América Portuguesa durante o século XVIII. Ao fazer o levantamento e exploração da fonte documental, a fim de contextualizar esses agentes e as suas práticas, conseguimos adentrar sobre a distribuição geográfica dos cirurgiões no espaço ultramarino português. A distribuição geográfica e o trâmite dentro dos territórios em análise, como esperado, revela sobre a mobilidade dos cirurgiões dentro da colônia e/ou entre a metrópole, mas não somente. Ao analisar essa vertente com os manuscritos do AHU, também conseguimos aprofundar sobre aspectos do cotidiano dos cirurgiões no período setecentista. Dessa maneira, a identificação dos cirurgiões e das suas localizações e deslocamentos corroboram para a compreensão do complexo multifacetado a que estavam inseridos. O enfoque deste trabalho é, pois, a dispersão e a cobertura territorial e também salientar sobre as dinâmicas que envolviam esses processos desses agentes da saúde.*

**Palavras-chave:** *Mobilidade; Práticas cirúrgicas; América Portuguesa; História da medicina.*

**Abstract:** *The present paper is a part of the Ph.D. thesis Surgeons, practices, and surgical knowledge in Portuguese America in the 18th century. One of the theoretical frameworks of the research is the idea formulated by Mary Lindemann in her book Medicine and Society in Early Modern Europe (1999). Which expresses that knowledge cannot be dissociated from who produced the knowledge. By taking into account this theoretical postulate has become necessary to survey about the trajectory of the surgeons in the Brazilian colony, to search their routines and occupational environment. In order to achieve that, we will resort mainly to the manuscripts kept at the Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) the old Ultramarine Council, which integrates the Projeto Resgate Barão do Rio Branco. In addition, the Dictionary of the Portuguese physicians and Portuguese surgeons or doctors and surgeons who have been in*

---

\* Doutora em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Atualmente é investigadora no Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia (CIUHCT, FCT – UNL), membro do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). Este trabalho faz parte da tese de doutoramento intitulada: *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América Portuguesa no século XVIII* (PALMA, 2019), defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em fevereiro de 2019, por Monique Palma sob a orientação da Professora Doutora Amélia Polónia. O desenvolvimento da tese recebeu financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), número do processo: 99999.000919/2014-04. Monique Palma, pela tese referida, foi galardoada com o Prémio de Investigação Internacional ao nível de Doutoramento *Pina Manique — do Iluminismo à Revolução Liberal*, da Academia Portuguesa da História/Fundação Pina Manique, de 2020, mais com o I Premio de Investigación a Tesis Doctorales Iberoamericanas, da Fundación Academia Europea e Iberoamericana de Yuste, de 2021. Email: moniquepalma@hotmail.com.

Portugal, unpublished work, written by Augusto da Silva Carvalho held at the Library of the Academy of Sciences of Lisbon (BACL). In the sources analysed we detect 379 surgeons that had been in Portuguese America during the 18 th century. We also could explore the geographical distribution of the surgeons in the Portuguese overseas. The geographical distribution and the displacement in the territory were analysed, as we could imagine, reveal about the mobility of the surgeons into Brazil colony and or between the metropole. The identification of the surgeons and their localization and movement help us to understand their complex multifaceted routine. The focus of this paper is the dispersion and the territorial coverage and also to stress the dynamics that concerned this process of the surgeons.

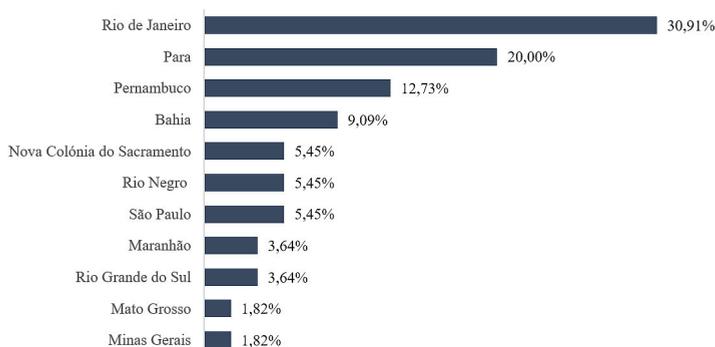
**Keywords:** *Mobility; Surgical practices; Portuguese America; History of Medicine.*

## MOBILIDADE GEOGRÁFICA

Os manuscritos do AHU representam uma dimensão documental vasta, que implicou o exame de 5704 páginas. Sendo o recurso documental extenso, a criação da distribuição geral dos manuscritos por tipologias foi uma necessidade, uma ferramenta de trabalho em ordem a responder a algumas questões que permearam o estudo completo de que este trabalho faz parte. De seguida apresenta-se o título dos grupos criados.

Estes, percentualmente distribuídos, são: «nomeação e ascensão na carreira (30%), remunerações e pagamentos (22%), mobilidade geográfica (9%), reconhecimento de saberes (9%), solicitação de mercês (9%), necessidade de cirurgiões (5%), desvios e delinquências (2%) e outros (14%)». O quarto grupo mais representativo da tipologia que criamos, e o único do qual trataremos neste trabalho, refere-se a formas de «mobilidade geográfica», com 9% de ocorrência. Mobilidade não é um dos assuntos mais recorrentes nas capitânias da América Portuguesa no século XVIII. Veja-se, no gráfico a sua totalidade, de 9%, distribuída por capitânias<sup>1</sup>:

**Gráfico 1.** Mobilidade geográfica. Distribuição por capitânias



Fonte: <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/projeto-resgate-barao-do-rio-branco>>

<sup>1</sup> As capitânias são denominadas neste trabalho respeitando a mesma forma de delimitação do território que foi atribuído aos manuscritos do AHU segmentados e disponibilizados pelo *Projeto Resgate*. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/dossies/projeto-resgate-barao-do-rio-branco>>.

No gráfico não constam as capitanias do Ceará, Espírito Santo, Goiás, Piauí, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e Sergipe. Isso porque na análise dos manuscritos das referidas capitanias não foram detetadas ocorrências que se integrassem ao grupo «mobilidade geográfica».

Integram o grupo «mobilidade geográfica» os registos do AHU sobre pedidos de licenças para retornar ao reino, como é o caso do Dr. José Gomes dos Santos, médico cirurgião e físico-mor da capitania do Pará, «onde se transportára a exercitar o emprego de Commisario delegado da Junta do Protomedicato». Este solicitou, em 28 de setembro de 1788, à rainha D. Maria I, licença de passagem para o reino, na companhia de sua mulher, Antónia Barbosa, e uma escrava que era sua propriedade. Do Conselho Ultramarino não foi detetada uma posição definitiva, o que verificamos foi uma anotação, de concordância com o despacho do provedor-geral, de que ficaria a escrava livre<sup>2</sup>. Apesar de a lei áurea ser instaurada no Brasil em 1888, apenas um século depois da solicitação feita pelo Dr. José Gomes dos Santos, essa deliberação do Conselho Ultramarino que defendeu que a escrava ficaria livre, foi por certo motivada pelos alvarás régios estabelecidos pelo Marquês de Pombal. Os alvarás régios de 1761 e de 1773 criaram condições para a eliminação da escravatura na metrópole, proibindo a importação de novos escravos em Portugal metropolitano<sup>3</sup>. O que significa que os alvarás não primavam pela abolição da escravatura de forma ampla e geral<sup>4</sup>. A ideia defendida pelos historiadores é a de que Marquês de Pombal queria manter os escravos nos espaços coloniais, em que a mão de obra deles se fazia mais necessária, nomeadamente na América Portuguesa, por conta dos serviços agropecuários e da exploração do ouro<sup>5</sup>.

Há também outro teor de pedido de retorno temporário ao reino. Trata-se do caso de José Ferreira, ajudante do cirurgião do Regimento da cidade de Belém do Pará, que «depois d'elle supplte estudar a Theorica, e adiantar na pratica da cyrurgia, pelo espaço quasi de quatro annos como mostra pelo documento n.º 1 de seu Mestre o Cirurgião Mór Julião Alz da Costa, na Praça de S. José de Macapá»<sup>6</sup>, solicitou à rainha D. Maria I licença e ajuda de custo para poder viajar para a Corte, onde pretendia obter carta de exame, habilitando-o para o exercício do ofício de Cirurgião da Expedição das Demarcações. Do Conselho Ultramarino consta a seguinte anotação no canto superior na página do requerimento: «Requeira imediatamente a S. Mage Lxa 8 de Nobro de 1787»<sup>7</sup>.

<sup>2</sup> AHU\_CU\_013, Cx. 97, D. 7763.

<sup>3</sup> RAMOS, 1971: 169-178; CALDEIRA, 2016: 46-68.

<sup>4</sup> A abolição da escravatura em Portugal só foi postulada com a Lei de 25 de fevereiro de 1869, estendendo-se a todo o Império Português. A Lei pode ser consultada online nos domínios da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <<https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/1424.pdf>>. Para mais informações sobre esse tema, consultar: ALEXANDRE, 1991: 293-333; RIJO, 2012: 111-129.

<sup>5</sup> RAMOS, 1971; CALDEIRA, 2016.

<sup>6</sup> AHU\_CU\_013, Cx. 97, D. 7689.

<sup>7</sup> AHU\_CU\_013, Cx. 97, D. 7689.

Cabe também no grupo de «mobilidade geográfica» a situação contrária à do parágrafo anterior, ou seja, um pedido para partir para a América Portuguesa, ou para circular dentro da colónia, como é o caso de Francisco António da Fonseca, cirurgião e ajudante do Regimento de Infantaria da cidade de Olinda, que solicitou à rainha D. Maria I baixa na função que exercia em Olinda e licença para se deslocar para o interior da capitania de Pernambuco, visto que a praça referida estava a «abundar em cirurgiões, e por isso, queria ir trabalhar com a Agricultura». Do Conselho Ultramarino a resposta foi a favor da solicitação do cirurgião: «Passe Ordem p(a) se lhe der baixa, v(ta) notoriedade do q allega, e o sim q ella se deseja Lxa 6 de sebro de 1798<sup>8</sup>». O caso de António da Fonseca apresenta mobilidade, tanto territorial, quanto das suas funções.

Acrescentamos a este grupo também os documentos sobre delimitação territorial, documentos que registaram a trajetória dos cirurgiões que serviram em várias fragatas transitando pelo Velho e o Novo Mundo, tal como foi o caso de António Saraiva Pereira da Costa, que em seu requerimento solicitou ao rei D. José I a confirmação do exercício da sua profissão, concedida pela câmara de Paranaguá, a qual lhe pagava pelos seus serviços a importância de 50 mil réis anuais. O cirurgião anexou em seu requerimento vários documentos que mostram o seu percurso no ofício de cirurgião. Sobre os mesmos trabalharemos com mais minúcia no momento adequado.

O grupo temático «mobilidade» inclui também situações de apelo à não mobilidade, como ocorre com Pedro Barreto Freire, cirurgião do partido do Convento de Nossa Senhora do Desterro, que entrou em contacto com o Conselho Ultramarino, solicitando para não ser obrigado a ir nas naus de guarda da costa. Entre outros motivos, o cirurgião alegava que queria ficar na capitania por haver muitos doentes para assistir. O cirurgião apresentou certidões que comprovavam o seu serviço e préstimo na capitania da Bahia, uma das quais de um médico formado e aprovado pela Universidade de Coimbra, Agostinho de Sousa de Mendonça, passada a 14 de abril de 1714, na referida capitania. Uma outra é feita por Manuel Ferreira Inácio de Santa Agnes, prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo da Bahia, que certificou que o cirurgião servia no convento havia 15 anos continuados, à data de 15 de setembro de 1719. E uma outra certidão é redigida pelo padre José Bernardino, da Companhia de Jesus do Convento da Bahia, passada em 18 de setembro de 1719. No requerimento redigido pelo escrivão, ficou registado que Pedro Barreto Freire «nunca embarcou para parte alguma por senão achar com disposição para isso»<sup>9</sup>, e também porque sua esposa sofria da gota, e precisava ficar em terra para o que pudesse ser necessário.

Como exemplo de mobilidade por imposição de delimitação territorial, expomos o caso de José Pogliani. O cirurgião era piemontês, e foi citado no ofício do governador do

---

<sup>8</sup> AHU\_CU\_015, Cx. 204, D. 13916.

<sup>9</sup> AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 13, D. 1077.

Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade<sup>10</sup>, ao secretário de estado interino da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Este informa sobre a participação do cirurgião piemontês<sup>11</sup>, José Pogliani, na terceira partida dos trabalhos de demarcação da América Meridional, tendo continuado ao serviço do exército português até embarcar para Lisboa. Foi mencionado também pelo governador que mandou dar baixa no salário do cirurgião e atribuir-lhe licença de embarque na primeira nau da frota que partisse para o reino, aos cuidados dos capitães de mar e guerra João da Costa Brito e José Rolleen Vandreck<sup>12</sup>.

Inserem-se também no grupo de «mobilidade geográfica», os cirurgiões que saíram de África e rumaram para a América Portuguesa, como foi o caso de Amaro da Costa, cirurgião natural de Mazagão<sup>13</sup>. Segundo Augusto da Silva Carvalho<sup>14</sup>, em seu *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal*<sup>15</sup>, Amaro da

<sup>10</sup> «Eu ElRey Faço saber aos que este meu Alvará virem, que eu tenho tomado ao meu serviço por Cirurgião a Jozé Pogliani para me hir servir nos Estados do Brazil e Maranhão em acompanhar, e assistir as Tropas por quem mando fazer algumas medições, e Cartas Geograficas daquelles Paizes, e nos mais exercícios da sua profissão que lhe for ordenado por mim, ou pelos meus Governadores; em consideração do que: Hey por bem, que vença de ordenado por anno duzentos e quarenta mil reis pagos aos semestres com o vencimento do primeiro dia do corrente mes de Novembro, e com as condições seguintes; a saber = que o seu transporte para a America, e o retorno para este Reyno se fará a minha custa; e da mesma sorte se farão a despezas do sustento, conducções, e outras necessarias assim em estado de saude, como de enfermidade enquanto andar nas expedições a que sou servido destinalo; mas o tempo que estiver parado no porto da America, a q que presentemente for mandado se sustentará á proprias expensas, e sera obrigado a continuar na expedição a que for mandado, até que esteja acabada. E na forma referida mando, que este meu Alvará se cumpra e guarde inteiramente como nelle se contem sem duvida alguma de que não pagará direitos na Chancelaria sem embargo de qualquer Odem em Contrario e do regimento dos novos direitos, e este mesmo Alvará valerá como Carta sem embargo da Ordenação do livro segundo titulo quatenta em contrario — Lisboa doze de Novembro de mil setecentos e cinquenta = Rey = Marquez de Penalva Alvará porque Vossa Magestade há porbem de tomar ao seu serviço por Cirurgião a José Pogliani para o hir servir nos Estados do Brazil, e Maranhão com o ordenado de duzentos e quarenta mil reis pro anno pagos aos semestres com o vencimento do primeiro dia do corrente mez de Novembro, e com as condições, que assim se declarão = Para Vossa Magestade ver Por Decreto de sua Magestade de quatro de Novembro de mil setecentos e cinquenta = Theodoro de Abreu Bernanrdez, o fez = O secretário Joaquim Miguel Lopes de Lavre o fez escrever». AHU\_CU\_017, Cx. 58, D. 5643.

<sup>11</sup> «No numero dos individuos que no anno de 1752 vierão mandado para servir nas partidas da divisão da America, por esta parte foi hum o Cirurgião Jozé Polianiz de Nação Piamontez: Finda... partida continuou servindo Cirurgião no Exercito. Recolhido outra Praça lhe mandei continuar o seu soldo te o dia da partida da Frota; poiz lhe havia determinado nella serles lhe nessa Corta em conformidade das ordens, que tenho. O interesse de algumas curas o fez a passar de embarcar; mantilhe dar baixa no salario, lhe ... que havia de ir na primeira Nao de Guerra, que sahirdeste porto, duvidou fazelo na que commandava João da Costa Brito». AHU\_CU\_017, Cx. 58, D. 5643.

<sup>12</sup> AHU\_CU\_017, Cx. 58, D. 5643.

<sup>13</sup> A história da Vila Nova de Mazagão justifica ser brevemente mencionada. Fruto das investidas portuguesas em Marrocos, Mazagão era uma cidade que aos poucos voltava a ser recuperada pelos mouros. Em 1750, estima-se que os conflitos ficaram mais intensos, os ataques dos mouros aos portugueses ficaram insustentáveis. Situação que levou o rei D. José I, no ano de 1769, a ordenar o abandono da cidadela e o embarque dos portugueses que lá estavam, para Lisboa. A Coroa portuguesa precisava de pessoas para povoar a parte norte da América Portuguesa, motivo que se acredita tenha sido relevante para um desvio no caminho, e as pessoas que deveriam desembarcar em Lisboa, desembarcaram no local que ficou nomeado como Vila Nova de Mazagão, na América Portuguesa, naquele período pertença da capitania do Grão-Pará, em 1770. AMARAL, 2007.

<sup>14</sup> «Costa Amaro da — Era natural de Mazagão e filho de Domingos da Costa e dele eis examinado na presença de António Soares Brandão pelos cirurgiões da real camara Manuel José da Fonseca e Manuel Ferreira e teve carta de cirurgia passada em 5 de Agosto de 1761. Estava em Mazagão em 1769. L. 28 da Ch. De D. José I no A. N. T. do T. Rev. I. De I. De H. e G. B. v. 84, p. 618». CARVALHO, [s.d.]: livro 2, 181.

<sup>15</sup> CARVALHO, [s.d.]: livro 2.

Costa estava em Mazagão em 1769, ou seja, em Marrocos, onde a Vila Nova de Mazagão foi fundada em 1770.

A circulação desses homens de um espaço para o outro não é um dos pontos estatisticamente mais expressivos nas fontes consultadas, todavia a qualidade da informação que reportam é de suma importância para a nossa análise, como a seu tempo sublinharemos. Também não devemos desconsiderar que a travessia no oceano Atlântico podia não ser uma das experiências mais confortáveis e atraentes no século XVIII.

E a forma mais ativa de mobilidade era a exigida pelo desempenho de funções de cirurgião de embarcações. Veja-se o caso de Manuel Carvalho de Couto, cirurgião de fragatas, que «embarcou em doze armadas»<sup>16</sup>. Documenta-se que serviu como cirurgião da fragata *São Boaventura*, de 17 de agosto de 1687 até 25 de agosto do mesmo ano. Depois, de 29 de setembro até 22 de maio, na fragata de *Nossa Senhora da Penha de França*<sup>17</sup>. Na fragata *Santo António de Lisboa*, em 22 de novembro de 1688. Depois, de 9 de junho até 19 de agosto de 1690, na fragata *Nossa Senhora das Ondas*. Em outubro de 1703, era cirurgião na fragata *Fortaleza*. Em julho de 1708, foi nomeado cirurgião da fragata *Nossa Senhora da Lapa*<sup>18</sup>. Estava na fragata *São Boaventura* novamente em 1709. Ficou registado também quando serviu em terra, como ocorreu em 23 de abril de 1704, data em que o cirurgião serviu na Praça da Fortaleza de Julião da Barra, conforme atestou José de Azambuja Ribeiro, sargento-mor da dita fortaleza. E também em 1707, na Praça de Estremoz, conforme certificou o cirurgião-mor António Mendes Fidalgo<sup>19</sup>.

## DISPERSÃO GEOGRÁFICA: CIRURGIÕES DETETADOS POR CAPITANIA E MOBILIDADES EFETIVAS

Dos cirurgiões identificados, 89 estiveram servindo na capitania da Bahia. Na capitania do Ceará identificamos 3 cirurgiões. Na capitania do Espírito Santo verificamos 2 cirurgiões. Na capitania de Goiás identificam-se 4 cirurgiões. Na capitania do Maranhão

<sup>16</sup> AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

<sup>17</sup> «Jorge da Franca do Conse. de S. Mag superintendente da Contr. d guerra e Deputado da Junta do Com. d. e Prov. dos Armazéns de Guiné, Índia e Armadas. Pella boa informação que seouve do Cirurgião Mor da Armada da suficiendi de Manoel Carvalho do Couto embarcarse já emhuma das fragasta della. e p. a Brazil por Cirurgião no que fez sua obrigação. hey por serviço de S. Magde q lhe de nomear no mesmo cargo de Cirurgião da fragata Nossa Sra. de Penha de França e S. Thereza huma das des Armadas que este anno aye a correr a Costa. E se reformará assento no quaderno do agente do Mar desta Antonio Soares escrivão da Provedoria o fez em Lix, em 22 de Mayo de 1692». AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

<sup>18</sup> AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

<sup>19</sup> «António Mendes Fidalgo Cavaleiro Profeso da ordem de Cristo Sirurgião Mor do Ex.(to) desta Provincia do Alentejo por sua Magestade que Deos guarde. Certifico que saindo o nosso exercito da prassa de extremos em 4 de outubro de 1707 em volta sobre a prasa de moura aonde estivemos acampados algum tempo aonde houve alguns feridos assim devalas de artilharia como de Mosqueteira e com todo este tempo meacompanhou Manoel Carvalho de Couto cirurgião do hospital do dito exercito o qual fes sempre sua obrigação assistindo a cura dos soldados e sendome sempre muito obediente em tudo o que por mim lhe foy ordenado pello que o julgo merecedor de toda ahonra em que de sua Mag.de for servido fazerlhe e pro passar na verdade todo o Referido a mandei... 30 de outubro de 1707». AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

detetamos 23 cirurgiões. Na capitania do Mato Grosso encontramos 9 cirurgiões. Na capitania de Minas Gerais contabilizamos 31 cirurgiões. Na capitania da Nova Colónia do Sacramento identificamos 12 cirurgiões. Na capitania do Pará identificamos 28 cirurgiões. Na capitania de Pernambuco identificamos 42 cirurgiões. Na capitania do Piauí encontramos 2 cirurgiões. Na capitania do Rio de Janeiro encontramos 101 cirurgiões. Na capitania do Rio Grande do Norte detetamos a presença de 5 cirurgiões. Na capitania do Rio Grande do Sul foram encontrados registos de 3 cirurgiões. Na capitania do Rio Negro contabilizam-se 10 cirurgiões. Na capitania de Santa Catarina encontramos 6 cirurgiões. Na capitania de São Paulo encontramos os registos de 24 cirurgiões. Para finalizar, destacamos a capitania de Sergipe, em que registamos 1 cirurgião.

O número de cirurgiões detetados por capitania, se somados, não vai corresponder ao resultado dos 379 cirurgiões identificados. Isto porque, em alguns dos casos, trata-se do mesmo cirurgião, que aparece em duas ou mais capitanias, pela circunstância de que circulou entre os territórios da América Portuguesa e entrou em contato com o Conselho Ultramarino a partir de diferentes capitanias.

É importante frisar que não estamos, porém, absolutamente certas de que o número de 379 cirurgiões seja o exato, mesmo quando referidos apenas ao nosso estrito universo, atendendo a circunstâncias que passamos a explicitar. No caso de cirurgiões com o mesmo nome, em alguns casos, não foi possível constatar e validar se era a mesma pessoa, ou se se tratava de uma pessoa diferente. Importa ainda observar que nas tabelas que apresentam a distribuição dos cirurgiões pelas capitanias, há nomes que foram identificados no *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões* [...], sobre os quais não sabemos qual a capitania onde exerceu como cirurgião, apenas se mencionando que o fez naquele território colonial. Veja-se a lista dos nomes que foram identificados nessa situação, com os correspondentes dados biográficos:

*António Duarte, filho de Pedro Duarte, cirurgião. Seus avós paternos e maternos eram também cirurgiões. Exerceu a cirurgia em Portugal e no Brasil e depois fez-se homem de negócio. Viveu na metade do século XVIII<sup>20</sup>.*

*Bento António, cirurgião, casado com Maria Tereza, a qual faleceu em 17-2-1739. O cirurgião achava-se ausente no Brasil<sup>21</sup>.*

*Cláudio Arnaud, cirurgião francês que de Lisboa partiu para o Brasil nos primeiros anos do século XVIII, levando medicamentos fornecidos pelo boticário Cláudio Romanet<sup>22</sup>.*

<sup>20</sup> «Habilitações de Ordem de Cristo. N.º A. N. da T. do T. m. 48 n.º 67». CARVALHO, [s.d.]: livro 3, 38.

<sup>21</sup> «R. P. dos O da freguezia do Ssmo Sacramento pag. 44». CARVALHO, [s.d.]: livro 1, 131.

<sup>22</sup> CARVALHO, [s.d.]: livro 1, 156.

*João Atkins, cirurgião inglês, que viajou durante seis anos pela África, Senegal, Brasil e Índia. Publicou em Londres em 1756 um relatório<sup>23</sup> em que se encontram notícias curiosas sobre os costumes destes países<sup>24</sup>.*

*Maria José, cirurgião brasileiro da carreira da Índia no último quartel do século XVIII. Fora discípulo de Manoel Fernandes Nabuco e figura na obra manuscrita que este deixou, com uma observação de ter curado o tétano, pelo ópio ministrado em alta dosagem<sup>25</sup>.*

*Manuel António de Araújo, cirurgião no Brasil no século XVIII.*

*Manuel Francisco da Costa, cirurgião que em 1753 seguiu para o Brasil com a comissão para a delimitação das fronteiras da América do Sul<sup>26</sup>.*

*Miguel Leite de Matos, cirurgião embarcado para o Brasil, casado com Antónia do Sacramento. A sogra, Maria de S. Francisco, era cristaleira na sua casa e tinha alcunha a “Mil Homens”. Este é um registo do ano de 1738<sup>27</sup>.*

Como já foi observado, cirurgiões exerciam, sem dúvida, em diferentes capitánias, e circulavam no próprio espaço colonial. Exemplifique-se com os casos de Agostinho Pereira da Rocha, que foi identificado na capitania de São Paulo e também na capitania do Rio Grande do Sul, ou João Cardoso, «parte de cristão novo, que nasceu em Lamego em 1704, sendo filho de Manuel Cardoso Moreno, escrivão, e Maria da Costa». João Cardoso esteve no Rio de Janeiro, na Bahia, em Angola, na costa da Índia e na ilha da Madeira. Serviu na nau *Nossa Senhora da Atalaia*, de que era capitão José Gonçalves Lage», serviu também na nau *N. S. da Lampaderaw*, que tinha por capitão o holandês D. Luiz padre de Budrede. Foi «cirurgião em Lisboa, morando na rua dos Galegos, freguesia do Sacramento, quando por culpas de judaísmos foi preso a ordem da Inquisição em 18 de setembro de 1734». Em seu inventário constatou-se algumas dívidas ativas, entre elas, uma de credor a outro cirurgião, avaliada em 50 mil réis, relativos a instrumentos e livros de cirurgia<sup>28</sup>. A esta matéria voltaremos mais tarde.

Podemos afirmar que, do universo considerado, 16 destes homens estiveram em capitánias diferentes, sendo os seus nomes, e as respetivas capitánias, representadas na tabela seguinte, elucidativa acerca de percursos de mobilidade interna no Brasil:

<sup>23</sup> ATKINS, 1737: 201-205.

<sup>24</sup> «D, popular, p. 376». CARVALHO, [s.d.]a: livro 1, 162.

<sup>25</sup> CARVALHO, [s.d.]d: livro 5, 36.

<sup>26</sup> «In: Notícias das Nações Ultramarinas, t. VIII, p. 90». CARVALHO, [s.d.]b: livro 2, 197.

<sup>27</sup> CARVALHO, [s.d.]e: livro 6, 29.

<sup>28</sup> CARVALHO, [s.d.]b: livro 2.

**Tabela 1.** Cirurgiões detetados em mais de uma capitania

<b>Cirurgião</b>	<b>Percursos por capitanias</b>
António Ferreira Cristóvão	Pernambuco e Rio Grande do Norte
Agostinho da Rocha Pereira	Rio Grande do Sul e São Paulo
António da Silva	Bahia e Rio de Janeiro
António José de Araújo Braga	Mato Grosso e Rio Negro
António José Pinto	Rio de Janeiro e Rio Negro
António de Matos	Nova Colónia do Sacramento, Pará e Rio Negro
Baltazar dos Reis Pereira	Nova Colónia do Sacramento e Rio de Janeiro
Cosme Gomes Pereira	Ceará e Pernambuco
Daniel Panek	Maranhão e Nova Colónia do Sacramento
Domingos Rodrigues Lima	Maranhão e Pará
Francisco Soares de Almeida	Nova Colónia do Sacramento e Rio de Janeiro
José Gomes dos Santos	Maranhão e Pará
Lázaro Fernandes Borges	Maranhão e Pará
Manuel de Sousa Teixeira	Maranhão e Rio de Janeiro
Maurício da Costa	Nova Colónia do Sacramento e Rio de Janeiro
Paulo Lopes Falcão	Rio de Janeiro e Santa Catarina

Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/projeto-resgate-barao-do-rio-branco>

Baseando-se estes dados nos documentos do AHU, não podemos afirmar que esta seja uma amostra representativa, haja em vista que esses homens só entravam em contato com o Conselho Ultramarino quando necessário, na maior das vezes por questões de nomeação ou de confirmação das mesmas, pelo que não podemos asseverar que estas referências esgotem as mobilidades possíveis no espaço do Brasil colonial ou mesmo entre espaços coloniais diversos, como vimos ter acontecido com João Cardoso, de que acima falámos.

Uma outra realidade possível de aferir, através dos manuscritos do AHU, é a dos cirurgiões embarcações. Esses circulavam, pelo menos, entre a metrópole e colónia e vice-versa, quando não em percursos mais complexos, que envolviam também a África, pelo que se sabe dos circuitos comerciais que envolviam estes três continentes, incluindo os de tráfico de escravos. Esse era o caso do cirurgião Manuel Carvalho de Couto, que no seu pedido de mercê do hábito de Santiago, enviou as cartas que havia recebido de nomeação para as naus em que exerceu como cirurgião. Manuel Carvalho

de Couto, esteve, entre 1694 e 1717, exercendo cirurgia em naus que foram de Portugal continental com destino ao Brasil e, dentro do Brasil, em naus que seguiam da Bahia para Pernambuco, e em naus que rumavam com destino à Índia<sup>29</sup>, e ainda o de Inácio Fernandes Silva, cirurgião, que estava servindo num navio vindo de Angola<sup>30</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que os percursos identificados dos cirurgiões que acompanhámos ao longo deste trabalho tenham contribuído para a construção da história da Cirurgia, da Medicina, e das Ciências, através da análise do cotidiano destes agentes em contexto colonial na América Portuguesa.

Mesmo que a «mobilidade geográfica» não tenha sido um dos assuntos mais recorrentes nas capitánias da América Portuguesa no século XVIII, a mobilidade dos cirurgiões permitiu perceber vários fatores que influenciavam e afetavam o exercer da prática cirúrgica. Como vimos no desenrolar do texto: questões que envolviam escravatura, assuntos familiares e delimitação territorial.

A emigração portuguesa levava para o Brasil, além dos interesses económicos, mazelas e enfermidades<sup>31</sup>, também um considerável número de cirurgiões, dado relevante para a discussão, por exemplo, sobre transferência de conhecimento — matéria que não conseguimos, e também que não era o foco — discorrer neste trabalho. O percurso dos cirurgiões que partiram de Portugal para exercer cirurgia no Brasil revelam complexidades da rotina da prática cirúrgica do contexto socioprofissional de um grupo que ainda buscava afirmação dos seus serviços e saberes.

## FONTES

### Arquivo Histórico Ultramarino

AHU — *Baía*, cx. 9, doc. 73. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

AHU — *Baía*, cx. 10, doc. 90. AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 13, D. 1077.

AHU\_CU\_013, Cx. 7, D. 634.

AHU\_CU\_013, Cx. 97, D. 7689.

AHU\_CU\_013, Cx. 97, D. 7763.

AHU\_CU\_015, Cx. 204, D. 13916.

AHU — *Rio de Janeiro*. AHU\_CU\_017, Cx. 58, D. 5643.

### Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

CARVALHO, Augusto da Silva [s.d.]a — *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal* [Manuscrito]. Livro 1. Acessível em Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Portugal. Ref. 149 090 (49-1-1).

<sup>29</sup> AHU\_ACL\_CU\_005, Cx. 11, D. 935.

<sup>30</sup> AHU\_CU\_013, Cx. 7, D. 634.

<sup>31</sup> HOLANDA, 1936; HOLANDA, 1957; HOLANDA, 2010; HOLANDA, 2012; SILVA, 1994; VARNHAGEN, 1962.

- CARVALHO, Augusto da Silva [s.d.]b — *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal* [Manuscrito]. Livro 2. Acessível em Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Portugal. Ref. 149 091 (49-1-2).
- CARVALHO, Augusto da Silva [s.d.]c — *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal* [Manuscrito]. Livro 3. Acessível em Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Portugal. Ref. (49-1-3).
- CARVALHO, Augusto da Silva [s.d.]d — *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal* [Manuscrito]. Livro 5. Acessível em Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Portugal. Ref. (49-1-5).
- CARVALHO, Augusto da Silva [s.d.]e — *Dicionário dos Médicos e Cirurgiões portugueses ou que estiveram em Portugal* [Manuscrito]. Livro 6. Acessível em Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Portugal. Ref. (49-4-6).

## Fontes impressas

- ATKINS, John (1737) — *A voyage to Guinea, Brasil, and the West-Indies*. 2.<sup>a</sup> ed. London: Printed for Ward and Chandler, at the Ship, just without Temple Bar; And at their Shops in Coney-street, York, and the Corner of the Long-Room-Street, Scarborough, p. 201-205.

## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Valentim (1991) — *Portugal e a abolição do tráfico de escravos (1834-51)*. «Análise Social», 4.<sup>a</sup> Série, vol. 26, n.º 111, p. 293-333.
- AMARAL, Augusto Ferreira do (2007) — *Mazagão. A epopeia portuguesa em Marrocos*. 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Oriente/Comissão Portuguesa de História Militar.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel (2016) — *A independência do Brasil, os portugueses retornados, as leis do Marquês de Pombal e os escravos africanos*. «RELEA: Revista Latino-Americana de Estudos Avançados», vol. 1, n.º 1, p. 46-68.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (1936) — *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- (1957) — *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio.
- (2010) — *Visão do Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- (2012) — *O Homem Cordial*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PALMA, Monique (2019) — *Cirurgiões, práticas e saberes cirúrgicos na América Portuguesa no século XVIII*. Porto: FLUP. Tese de Doutoramento.
- RAMOS, Luís António de Oliveira (1971) — *Pombal e o Esclavagismo*. «Revista da Faculdade de Letras: História», 1.<sup>a</sup> série, vol. 2, p. 169-178.
- RIJO, Delminda (2012) — *Os escravos na Lisboa Joanina*. «CEM», n.º 3, p. 111-129.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da (1994) — *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (1962) — *História geral do Brasil: antes da sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Edições melhoramentos.

